

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA	13.10.79.	REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

A grande farsa

Fundação Cuidar o Futuro

# Imagem (governamental) de Portugal ao Mundo

A chefe do executivo (de cento e tal dias?) de Portugal foi discursar perante a Assembleia das Nações Unidas, no palácio da vidro em Nova Iorque. À partida, levava na sua breve bagagem de três dias, misturada com o pudor da sua roupa branca e escova de dentes, uma longa "carta de intenções". E antes de os deixar para afirmar-nos a todos no mais alto arquipélago do Mundo, Maria de Lurdes Pintassilgo prometeu aos pávidos cidadãos portugueses traumatizados ainda pelas mortes e explosões do Alentejo, um discurso histórico que definiria de uma vez para sempre a presença de Portugal no Mundo. Esperávamos logicamente qualquer coisa de grande.

Aliás, toda a informação portuguesa, patrioticamente sensibilizada para o acontecimento, revelava a "imensa expectativa" de que se rodeava a intervenção da nossa primeira-ministra, noticiando também a audiência que o Papa concederia à nossa prima-católica, durante a qual lhe seria feito o convite — certamente aceite — para que o Sumo Pontífice visitasse



Portugal num futuro muito próximo. Havia mesmo quem admitisse que tão honrosa visita fosse efectuada logo a seguir à presença de João Paulo II em Nova Iorque.

Para a sede da ONU voaram pressurosos muitos jornalistas, radialistas, têlvistas e outros observadores-comentadores menores, a fim de fazerem a cobertura completa e integral da presença da prima-dona de São Bento que partia dos corredores bafientos da sua residência habitual para a rutilância das vidraças nova-iorquinas.

O discurso foi dito. Larga e arejada peça de oratória, declamado no tom habitual da primeira-ministra, aquele poético e comovente assobiar de pássaro canoro ternamente associado ao arrulhar de rola farta. De repente, porém, num breve comentário que um dos "cobertores" (quem faz uma cobertura é um cobertor, pois não é?) deixou ingenuamente cair nos nossos interessados ouvidos, apercebemo-nos de que a assembleia não estava assim muito concorrida.

Lá se ia a proclamada expectativa ao discurso em Português!...

Entretanto, os pacientes delegados à Assembleia Geral, entre os quais se contavam presidentes e ministros de repúblicas sortidas e onusinas, ouviram através de auscultadores que lhe levavam a tradução nas suas respectivas línguas (menos os felizes de expressão vernacular portuguesa), um exemplo, entre muitos, da verborreia nacional, a que não faltou o condimento folclórico do poema de António Gedeão.

Não me deterei a analisar o discurso no que ele tem de orgulho saloio, de chauvinista, de frases estereotipadas e gastas pelo uso e até de perigosas ingenuidades na condução política de outros Estados. Há por aí luminares de Direito Internacional que poderão sentir-se inquietos pelos "conselhos" (!) que Maria de Lurdes Pintassilgo levou a alguns países que ainda hoje promovem descolonizações, quando a

Continua na pág. VII



# P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

## A grande farsa

Continuação da pág. II

nossa, a outrora proclamada "exemplar", foi há dias adjectivada de "traumática" pelo Presidente da República.

Mas não posso deixar de considerar dum grotesco risível o declamar do poema "A Minha Aldeia", embora o considere uma das poucas jóias da nossa degradada literatura actual. E qual língua se palpitará o que daria o poema "trududu" em Lisboa ou em Japões? Mais valera, por maior folclore e facilidade de expressão estrangeira que a nossa "Lady Byrd of Progressiv Church" gorjeasse para a conspícua Assembleia o fado homónimo, em que se canta que "na minha aldeia tudo são primos e primas"...

Não menos honrosa do que o discurso na ONU era a anunciada audiência que o Papa concederia à primeira-ministra portuguesa. E na oportunidade esta lhe faria o tal comovido e filial convite para visitar Portugal. Mais uma vez, porém, a intenção não saiu da mala onde continuou aferrolhada. Foram apenas dois breves minutos de conversa, uma conversa colectiva, pois tratava-se de uma recepção a que assistiam igualmente muitos dos presidentes e ministros presentes à assembleia da ONU.

À chegada a Lisboa, após a histórica viagem, Maria de Lurdes Pintassilgo respondeu com voz hesitante à pergunta que um repórter lhe fez sobre o seu contacto com João Paulo II. Notava-se que a decepção velava a voz que habitualmente sai como um clarim triunfalista do seu vasto peito. Que, bem, ora essa, o convite seria formalizado pelas vias diplomáticas competentes. Não falou nos dois minutos de breve entrevista colectiva. Mas confessou, *ipsis verbis* que "lhe pediu, VAMOS LÁ, a bênção para o nosso povo".

Porque este "vamos lá"? É incrível! Desculpa para a minoria dos "amigos" que não precisam da bênção papal? Concessão a quem? Ao próprio Papa que não lhe concedeu a audiência fartamente anunciada?

Maria de Lurdes Pintassilgo tem-se proclamado cristã-católica. O nosso povo é, na sua imensa e histórica maioria, católico apostólico romano. A bênção para Portugal pedida por um seu alto representante é normal, mais do que tudo justificável, pecadores que somos em busca dum caminho que não logramos encontrar.

Porquê "vamos lá"? Para que não consideremos uma farsa completa esta histórica viagem à ONU, ficamos respeitosa e à espera que a primeira-ministra nos explique esta hesitante e retorcida expressão.

Cunha Pereira

Cuidar o Futuro